

AMAZÔNIA(S) EM REDE(S):

**Rádios da Amazônia
protagonizam comunicação
alternativa a partir da Rádio
Rural de Santarém/PA**

AMAZÔNIA(S) EM NET(S):

Rádios da Amazônia carry out
alternative communication from
Rádio Rural de Santarém / PA

AMAZONAS(S) EN RED(S):

Rádios de la Amazonia protagonizan
comunicación alternativa a partir de
la Radio Rural de Santarém / PA

**Rogério Henrique Almeida¹
Joelma Viana dos Santos²
Raimundo Valdomiro de Sousa^{3, 4}**

RESUMO

A experiência da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), ancorada em uma comunicação contra-hegemônica, inspirada em pressupostos freireanos é o epicentro do presente artigo. Em sua primeira parte, o trabalho contextualiza o

¹ Doutorando em Geografia Humana pela Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas (USP). Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em comunicação social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: araguaia_tocantins@hotmail.com.

² Graduada em Letras pela UFPA (2003), Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) com foco no uso das mídias como ferramenta didático- pedagógico, é Gestora da Rede de Notícias da Amazônia. E-mail: joselmaviava@gmail.com.

³ Doutor em Ciências com ênfase em Desenvolvimento Socioambiental NAEA/UFPA(2012), Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento NAEA/UFPA (2000), Especialização em Desenvolvimento em Áreas Amazônicas - FIPAM - NAEA/UFPA (2007), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Professor na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: raimundovaldomiro@gmail.com.

⁴ Endereço de contato do(a) autor(a) (por correio): Faculdade de Tecnologia da Amazônia. Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 820, Campina, CEP: 66015040 - Belém, PA – Brasil.

ambiente da comunicação mundial e nacional, para em seguida cotejar alguns elementos econômicos, sociais e culturais que conformam as realidades amazônicas, até tratar sobre a Rádio Rural e a atuação da RNA.

PALAVRA-CHAVE: Amazônia; Comunicação; Rede de Notícias da Amazônia.

ABSTRACT

The experience of the Amazon News Network (RNA), anchored in a counter-hegemonic communication, inspired by Freirean assumptions is the epicenter of this article. In its first part, the paper contextualizes the environment of global and national communication, and then to compare some economic, social and cultural elements that conform the Amazonian realities, to deal with Rural Radio and RNA activities.

KEYWORDS: Amazon; Communication; Amazon News Network.

RESUMEN

La experiencia de la Red de Noticias de la Amazonía (ARN), anclada en una comunicación contrahegemónica, inspirada en presupuestos freireanos es el epicentro del presente artículo. En su primera parte, el trabajo contextualiza el ambiente de la comunicación mundial y nacional, para luego cotejar algunos elementos económicos, sociales y culturales que conforman las realidades amazónicas, hasta tratar sobre la Radio Rural y la actuación de la RNA.

PALABRA CLAVE: Amazonia; Comunicación; Red de Noticias de la Amazonía.

Recebido em: 09.05.2018. Aceito em: 17.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Ensina o latim sobre a etimologia do vocábulo rede (rete-is); entrelaçamento de fios, barbantes, arames que formam uma malha. Existe uma diversidade de redes: esgoto, drenagem, elétrica, transporte, social, de intriga ou rede para descanso. Por aqui repousar em rede é um hábito milenar indígena. É de Câmara Cascudo o ensaio original sobre o hábito de dormir em rede. Na fauna modernista Macunaíma era um ás no riscado. Pode-se concluir então que o povo do trópico é vanguarda no assunto.

Ao espiar através do retrovisor da história é possível notar que no mundo feudal a estrutura hierarquizada de poder forçou a organização da base da sociedade em laços (redes) de solidariedade. Nas academias a Física e a Biologia inquietam-se com o assunto, privilegiam um esquema matemático, para não ressaltar as redes neurais. O tema também inquieta ambientalistas.

No entanto, é o ambiente do modo de produção capitalista, que ao promover o incremento tecnológico, que cimenta as vias de estreitamento do planeta a partir da dinamização do comércio, e a subjugação de novos mundos (econômica, política e culturalmente) pelo menos desde o século XVI. Engenharia marcada pelo saque de riquezas naturais e o genocídio de povos ancestrais do novo mundo, perspectiva que uns pós um monte coisa buscam ressignificar.

Cartas náuticas, bússola, naves, código Morse, cabos submarinos, máquina a vapor, ferrovias, a centralização do poder econômico, científico e político, o surgimento do estado laico... e por aí vai, configuram passos\elementos\antecedentes do momento atual, por alguns etiquetado como modernidade, quando interesses econômicos, industriais e militares turbinaram as inovações técnicas no alvorecer anos do século XX.

Vive-se o instante marcado pela hiperconectividade, a profusão da informação em fluxo constante, o mundo do instantâneo articulado em infovias,

num contexto onde tudo que é sólido se desmancha no ar. No horizonte recheado de *fast foods* e smartphones predominam na aquarela as balizas da competição, do individualismo e do consumo, quando o shopping center consolida-se como catedral do *admirável mundo novo*, inspirado sob a régua e o compasso de Apolo, apresentado na tela do espetáculo, ao sabor do signo do fetiche.

É o planeta uma aldeia global, e as máquinas ladeadas pelas novas tecnologias uma extensão do homem?

Sobre o cenário Ciro Marcondes Filho faz críticas severas. Ao sublinhar o aspecto filosófico do tema, no livro *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século XXI*, obra ancorada em teses de Nietzsche e pensadores da Teoria do Caos. O autor dispara contra o ponto de vista dos ideólogos do ciberespaço, onde crava que: "Uma visão de mundo pequena, intelectualmente pobre e simplória, passou a dar as cartas no universo comunicacional e informático, retrocedendo o nível de inteligência exigido a posições que em muitos casos beiram a mediocridade".

Mundo novo?

Não resta dúvida (resta?), os avanços das tecnologias dos setores de informática e comunicação puseram o mundo de pernas para o ar, esgarçaram convicções, fizeram germinar jardins de incertezas, que vez em quando faz brotar totalitarismos pretéritos, intolerância política e religiosa. Sob o aspecto político e do trabalho, a tecnologia de ponta reorganiza as bases da produção, descortina uma nova divisão internacional do trabalho e formas de controle dos territórios e suas riquezas.

Nada é do mesmo jeito que foi há um segundo. Capital, trabalho, nação, país, fronteira, território, amor, sexo...tudo ganhou outro significado. As

recentes inovações do campo técnico científico modificam radicalmente as bases da economia, da sociedade e da cultura. O saber foi destronado de seu castelo, e seus arautos desprovidos da pompa/aura. O (s) saber (es) está (ão) por todo lado: Paris\Tum Tum, Berlim\Cachoeira do Arari ou em lugar nenhum.

Ciberespaço, ciberdemocracia, ciberpunk, cibersociedade, cibernundo integram a nova gramática do século XXI. Pierre Lévy é um entusiasta deste ambiente. Ao descuidar de aspectos econômicos e políticos, celebra o momento como uma possibilidade de se reinventar a democracia, onde o ciberespaço seria a nova ágora. Qualquer um pode construir o seu próprio conteúdo, sua visão de mundo, e espalhar em gôndolas virtuais. Coisas interessantes, outras nem tanto, espocam em redes que mobilizam cifras estratosféricas.

Empresas que controlam as infovias, centros que desenvolvem software/hardware e corporações que produzem conteúdos compõem o triângulo de poder nesta seara, em particular concentrados nos EUA, tendo como referência o Vale do Silício. São os ponta de lança que integram os global players, responsáveis pela quase totalidade dos conteúdos que circulam por todo canto, a propagarem consensos, estabelecerem valores e marcas, sepultam ou incensam "deuses".

Castells contraria o otimismo de Lévy, e adverte que as revoluções ocorridas a partir das novas tecnologias transformaram os processos de produção e distribuição, criando uma enxurrada de novos produtos. Além de mudar de maneira decisiva a localização das riquezas e do poder no mundo, ao alcance dos países e elites capazes de comandar o novo sistema tecnológico.

Para o autor há uma hipertrofia do poder no cenário da produção, distribuição e circulação da informação nos níveis de entretenimento e jornalismo, a partir do presente centro de gravidade do poder em escala

planetária. As transformações efetivaram a economia global, e a capacitou em operar em tempo real e em escala planetária.

As fronteiras de espaço e tempo foram-se pelos ares, tanto por conta das revoluções tecnológicas, quanto pela mão do Estado/governos e instituições internacionais que promoveram a desregulamentação e liberalização, e fomentaram a flexibilização de leis ou criaram novos marcos regulatórios e privatizações de setores estratégicos.

Para além das centralidades - Denis de Moraes, Armand Mattelart, Milton Santos, Manuel Castells comungam que a “nova era” é marcada pela concentração da informação em players de grandes conglomerados. E que existe uma centralidade da produção da informação nos EUA a partir de megafusões, como muito bem esclarece as investigações de Denis de Moraes sobre o assunto.

No entanto, tal centralidade não impede que os adversários da engrenagem do discurso único contrariem o poder hegemônico, e edifiquem redes internacionais a remar no sentido oposto de consensos.

Por uma outra globalização obra do geógrafo Milton Santos evidencia o assunto. E faz recordar as reflexões de Walter Benjamin, que ao contrariar postulados dos cardeais de Frankfurt sobre as grandes transformações tecnológicas ocorridas nas primeiras décadas do século passado, sinalizou para a possibilidade de apropriação dos meios de comunicação pelos segmentos marginalizados das metrópoles do capitalismo da época.

Nesse sentido, no Brasil segmentos alinhados à defesa dos direitos humanos, meio ambiente, movimento de mulheres, movimento negro, pela democratização da comunicação fazem a apropriação da rede para disputar no campo simbólico corações e mentes. Assim, organizações no mundo inteiro têm usado o meio virtual (à esquerda ou à direita) para a mobilização de atos

públicos, inserção de seus manifestos e denúncias através de suas páginas, blogs, e-mails, grupos e chats.

Amazônia (s) – nós de cá – na última fronteira de expansão do capitalismo, reconhecida pelo estoque de riquezas naturais, exuberante biodiversidade, banco genético, recursos minerais e recurso hídrico e uma sociodiversidade estonteante, antes da inserção econômica tardia e subordinada ao resto do país e do mundo, idos dos anos 1960 do século passado, eram os rios as principais vias de circulação de mercadorias, pessoas e informações. A dinâmica da ocupação do espaço da região era regida a partir dos rios, várzea e da floresta, como adverte Carlos Walter Porto Gonçalves.

Na mira de empreiteiros e outros espertos serpenteiam Araguaia, Tocantins, Xingu, Madeira e Tapajós, para citar alguns. Rios ora barrados para a geração de energia subsidiada para alimentar megacorporações nacionais e internacionais, a partir da lógica de uma economia de enclave e exportadora de *commodities*. Megacorporações do quilate da Alcoa, Reinarda, Vale, Cargil, Bunge, Anglo American, Xtrata, Tractebel, Belo Sun e Suez esgrimam na disputa para barramento de rios, extrativismo mineral e monocultivos.

O território amazônico e as riquezas nele existentes mobilizam inúmeras redes, em diferentes escalas (local, regional, estadual, nacional e mundial). Sublinhe-se a rede de ilegalidades, onde possuem relevância grileiros de terras, madeireiros, garimpeiros, narcotraficantes, pistoleiros, traficantes de pessoas e da biodiversidade. Rede marcada pela simbiose entre agentes privados e públicos. É a Amazônia um espaço da ilegalidade por excelência, por conta da extensão fronteira e fragilidade institucional?

A integração priorizada a partir das rodovias promoveu uma urbanização frenética da Amazônia, disparou um mercado de terras, a militarização da região a partir da instalação de novas institucionalidades

(Amazônia Legal), quartéis e instituições aos moldes do Grupo de Executivo de Terras do Araguaia Tocantins (Getat) e do Grupo de Executivo de Terras Baixo Amazonas (Gebam) subordinados ao Conselho de Segurança Nacional (CSN), e por consequência, uma violência estrutural contra as populações locais. A ordem era ocupar o “vazio demográfico” a partir da colonização induzida ou espontânea. Os Projetos Integrados de Colonização (PICs) foi uma das experiências.

Tenho dito: as Amazônia (s) de cá são várias. Nestes vastos e complexos mundos pulsa uma diversidade de gentes tributárias de saberes milenares a partir de diferentes territorialidades (terra firme, ilha, várzea ou Amazônia atlântica), ao longo dos processos econômicos, políticos, sociais e históricos de saques coloniais quando não assassinadas, foram\ são enquadradas como incapazes ou cidadãos de segunda categoria. Trata-se dos povos das águas (doces e salgadas) e florestas.

Desde os primeiros relatos dos colonizadores as populações ancestrais foram enquadradas como representações do atraso, desprovidas de conhecimento e sem a capacidade de gerir as próprias vidas. Sob tal horizonte, o colonizador impôs aos nativos a catequese, a escravidão e o extermínio. O relato do dominicano Gaspar de Carvajal, que acompanhou Orellana, no século XVI, apontado como o pai do mito das Amazonas é considerado o mais celebre.

Violência física e simbólica contestada na insurreição Cabanagem, (1835-1840), revolta social que aglutinou negros índios, tapuios, brancos pobres, numa vastidão territorial, que ultrapassou as fronteiras amazônicas, e alcançou estados do Nordeste do país. A revolução popular é consagrada como a única em que os populares tomaram o poder, ao aclamar Malcher como seu primeiro governador. No Baixo Amazonas, as comunidades de Cuipiranga e Pinhel são referências da insurreição, que consagrou uma identidade local.

Grandezas Amazônicas - O Brasil é o país que concentra a maior parcela da principal floresta tropical do mundo, a Amazônia. Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela são os demais países onde incide a floresta. Do território nacional cerca de 60% é constituído pela Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, parcela oeste Maranhão e Tocantins), com uma população estimada em 24 milhões de pessoas. Neste vasto mundo o rádio ainda constitui-se como importante fonte de informação.

O bioma cobre 4,2 milhões de quilômetros quadrados, já a região administrativa (Amazônia Legal), criada durante a ditadura civil-militar representa 5,2 milhões de quilômetros quadrados, e inclui cerrados e o Pantanal.

Bertha Becker enfatiza que o maior potencial da Amazônia reside na riqueza biológica, que representa o maior banco genético do planeta, contendo provavelmente 30% do estoque genético do mundo, a maior fábrica mundial de produtos farmacêuticos e bioquímicos, e a maior fonte para o conhecimento do funcionamento dos sistemas vivos e para a recombinação de gens neles contidos, base da engenharia genética. Como explicar uma agenda de desenvolvimento para a região que desconsidera tal potencial e detona tudo?

Resistências em redes- As populações nativas, e as que para cá migraram interna o externamente fomentam formas de sobrevivência em terra firme, ilhas, quilombos, aldeias, projetos de assentamento e unidades de conservação. Promovem formas de resistência apesar da condição colonial que nubla os dias e as noites.

Elas ativam empates, romarias, chamados, ocupações de áreas griladas em fazendas que cometeram crimes ambientais ou onde ocorre registro de trabalho escravo, canteiros de obras e ferrovias, acampam em órgãos públicos,

criam feiras, fóruns, místicas, canções, exposições de fotografias, procissões, marchas, escolas diferenciadas, lutam pelo reconhecimento e defesa de seus territórios na busca pela amplificação da cidadania. Trata-se de um processo marcado por inúmeras mediações (setores da Igreja católica, partidos políticos, ONGs e intelectuais) que resultou na materialização de interessantes fóruns e redes, a exemplo do Fórum Carajás, Fórum da Amazônia Oriental (FAOR), Justiça nos Trilhos, Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), Xingu Vivo e Tapajós Vivo.

Tais coletivos\redes promovem variadas formas de enfrentamento em oposição a grandes projetos. Atuam no campo jurídico, articulam associações nacionais e internacionais para a defesa de seus direitos; demandam os Ministérios Públicos Estadual e Federal e cortes internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA).

No campo da comunicação produzem livros, manifestos, documentários, cartilhas e sentam praça na grande rede. No entanto é a assimetria de forças que estrutura o combate entre os interesses das grandes corporações e as populações nativas. Nas arenas de lutas os dias são marcados por combates, negociações e acomodações, numa constante e atribulada redefinição dos territórios e das territorialidades físicas e simbólicas.

Exemplo de resultado positivo dessa ação foi a chancela de pior empresa ambiental e social conferida a Vale. O "Oscar da Vergonha\2012" é uma honraria organizada pelo "Public Eye People's". A premiação é realizada desde 2000 pelas ONGs Greenpeace e Declaração de Berna. É a primeira vez que uma companhia brasileira recebe o prêmio. A violação de direitos humanos, trabalho desumano e o saque de riquezas naturais, em seus 70 anos de história pesaram em favor da companhia.

A Vale bateu gigantes do quilate da Tepco, que opera as usinas nucleares de Fukushima e a suíça do setor de agronegócio Syngenta. A

mobilização em favor da Vale foi animada pelo coletivo Justiça nos Trilhos, nascido à beira da rodovia federal Belém-Brasília, em Açailândia, oeste maranhense. A cidade abriga um polo de gusa, que dissemina o desmatamento, trabalho escravo em carvoarias e poluição na região desde os anos 1980 do século passado.

Desde Cabral nenhuma grande inflexão ocorreu sobre a hiléia. A condição colonial tem imperado. A região é notada como um almoxarifado, para prover com riquezas os abastados estados centrais do país, e fora dele. O saque permanece, que o diga o povo das terras dos Carajás, que há 30 anos sangra minério para o mundo via Porto do Itaqui, em São Luís, Maranhão, após percorrer quase 900km de via férrea.

É histórico: os planos de desenvolvimento têm consolidado a Amazônia como uma fonte exportadora de matérias primas, ou no máximo semielaborados e energia. Conforme os tratados de economia, um exportador de *commodities*. Em certa medida, nuances da geopolítica, baixo investimento em ciência e tecnologia e uma elite subalternizada aos interesses de grandes corporações do mercado mundial ajudam a explicar as complexidades de tal condição.

Rádio Rural de Santarém – cinco décadas de insurgência

Numa fração do vasto e complexo mundo amazônico, o Baixo Amazonas paraense, abriga há cinco décadas a experiência insurgente da Rádio Rural de Santarém. Um território marcado por vestígios da Arte pré-colombiana, irrigado pelos caudalosos rios Tapajós e Amazonas. Gentes que há milênios convivem de forma harmoniosa com os recursos das florestas, dos rios, das várzeas, ilhas e da terra firme. Gentes tributárias de conhecimentos milenares. As investigações indicam pelo menos 11.200 anos. Assim sinaliza o

registro considerado o mais antigo sobre a presença humana na Amazônia do Brasil, localizado no município de Monte Alegre, no oeste paraense, a Caverna da Pedra Pintada.

Ali, vivem entre outros povos indígenas, os Borari, Arapiun, Apalai, Kaiapó e Munduruku. Este último tem sido ponta de lança de oposição aos grandes projetos da região, tais como monocultivo de grãos – soja em particular-, extrativismo mineral, hidrelétricas e portos.

A região configura-se como um dos eixos de integração do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal. A agenda de desenvolvimento imposta põe em risco a reprodução econômica, cultural e social das populações locais, e ameaça um conjunto de unidades de conservação (UCs), que congrega a principal área de reservas de madeira do estado. Por conta de tal cenário o mosaico de UCs vive constantemente ameaçado pela ação ilegal de parte do setor privado da economia da madeira. Muitas das vezes com a anuência do setor público.

Rádio Rural e a Rede de Notícias da Amazônia — Faz 53 anos que a Rádio Educação Rural (ZYI-710 OM) brotou na cidade de Santarém, cidade polo do oeste do Pará. Soa como ironia que a emissora de resistência popular do Baixo Amazonas⁵, ligada à Igreja Católica, ter nascido um mês e meio após a implantação da ditadura civil-militar, em 1964.

⁵ Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha, Santarém e Terra Santa integram a região (IBGE, 2010), num território de 315,86 mil quilômetros quadrados que representa 25% da área do Estado do Pará e abriga uma população de 705.737 habitantes ou 8,7% da população do estado. Seu PIB de 5,9 bilhões de reais representa 6,5% do PIB paraense, com destaque para o extrativismo da bauxita. A região ainda responde por 12% do PIB agropecuário do estado. É o maior produtor de mandioca do estado (30%) e terceiro na produção de soja (17%) e na produção de milho (18%). Também é o maior produtor de castanha-do-brasil (94%) e terceiro na extração madeireira (19%). Possui a segunda menor taxa de analfabetismo (12%) do Pará entre indivíduos com idade de 15 ou mais anos, a terceira maior taxa de pobreza (49%) e a quinta maior taxa de mortalidade infantil (17%). Fonte:

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p898>



Fotos: Estúdio e fachada da Rádio Rural de Santarém-PA. Acervo da Rádio Rural

No momento, a Jovem Guarda dominava o ambiente musical, o rádio portátil ainda era artigo de luxo, assim como o serviço de telefonia. Sob a aura militar o oeste paraense foi considerado área de segurança nacional. Um hiato de 16 anos separa o nascimento da Rural da emissora pioneira no município, a Rádio Clube de Santarém, nascida em 1948, três anos após o fim da Segunda Grande Guerra.

Na Amazônia, região de escalas estratosféricas, o primeiro veículo de comunicação de massa cumpre relevante papel social. São célebres os programas de recados para as comunidades rurais. A partir deles familiares e amigos comunicam chegadas e partidas, óbitos, problemas de saúde, sucesso ou fracasso em operações, festas, rezas, campeonatos de futebol, quermesses, convoca-se a embarcação, informa-se sobre a encomenda encaminhada e hora da chegada no porto ou rodoviária, a realização da missa, a visita de um técnico de órgão público ou a reunião do sindicato. Na Amazônia, o rádio é muito mais que mero entretenimento.

Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração do Baixo Amazonas (Pará, 2015a), Disponível em <http://www.fapespa.pa.gov.br/>.

Manuel Dutra, professor, jornalista e colaborador da Rural, em matéria datada da década de 1980, sublinha alguns recados:

“Alô, alô Faustino, no garimpo do Ratão. Bila avisa que recebeu uma carta de Porto Velho, informando que seu irmão, Carlos Sampaio da Silva, foi assassinado”. [...] “Atenção, mensagem para João Picanço, em Januária, e Manoel Gláucio, em Inanu. Mundinha avisa que a Cleusíbia foi operada ontem às 9h30, na Maternidade Sagrada Família. Passa bem”. Ou esta outra mensagem: “Pede-se à pessoa que souber do paradeiro de um senhor de aproximadamente 67 anos, que saiu de casa numa canoa e desapareceu. Fineza informar no Tapará ao senhor José Alves de Moura, que dará uma recompensa de mil cruzeiros”.

Por meio de cartas, a vida privada, a econômica, a política e social da região foi/é narrada a partir das ondas do rádio.

Evangelizar e educar - Evangelizar e fomentar uma educação libertadora fazem parte dos pilares da Rádio Rural de Santarém, inicialmente, conhecida como Rádio Educadora. O Movimento de Educação de Base (MEB) disseminava aulas carregadas de princípios freireanos via ondas do rádio. O MEB buscava alfabetizar milhares de jovens e adultos de comunidades rurais da região, ao mesmo tempo em que motivava a organização popular por meio de associações, clubes e sindicatos.

Além das aulas do MEB, programas noticiosos e de entretenimento compunham a grande programação, entre eles: Jornal da Manhã, Correspondente Rural, Chamada Geral, Show da Tarde, Serenata, entre outros. É creditado ao Bispo Dom Tiago Ryan a iniciativa do projeto de comunicação que criou a emissora.

O prefixo inicial de ZYE-29, potência de 1 Kw em Onda média e frequência de 1.360 kHz, assim manteve-se até 1968, quando ganhou a Onda

Tropical com 5 kw. Em 1969, mudou de denominação e passou a ser chamada de Rádio Rural de Santarém. Em 1976, a Onda Tropical (OT) na frequência de 4.765 kHz passou a 10 kw. Em 1981, foi a vez da Onda Média subir para 5 kw, mudando sua frequência em 1988, de 1.360 para 710 kHz. Atualmente, a emissora da Diocese desafia a distância com uma potência invejável em sua Onda Média de 25 kw, cobrindo todo o território paraense, contam Rodrigues e Seixas (2012:p.07). E ganha o mundo na web via o site da emissora. <http://www.radoruralesantarem.com.br/>.

Ao longo de cinco décadas constam entre os muitos feitos da Rural, a realização do maior campeonato de futebol rural do mundo, com a participação de 600 agremiações. Em seu projeto de educação aglutinou os municípios de Santarém, Alenquer e Monte Alegre para a efetivação da Feira de Cultura Popular, para não falar da aproximação de famílias com os garimpeiros na região.

A rádio é a cabeça da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), iniciativa que foi efetivada em maio de 2008, mês dedicado à Maria na doutrina católica. O centro de gravidade da ação da rádio católica é a comunicação baseada no diálogo, na horizontalidade numa perspectiva libertadora.

Rádio pela Educação

Rosa Rodrigues em sua dissertação esclarece que quando do fim das aulas do MEB, em Santarém, a Rádio Rural continuou a ação voltada à comunicação popular por meio de alguns programas em sua grade de programação. Tendo como referência a iniciativa anterior, o novo projeto trouxe uma reformulação da proposta desenvolvida com as aulas radiofônicas. Entre as diferenças principais, estavam o envolvimento de crianças e adolescentes do ensino fundamental, depois do processo de alfabetização.

O Rádio pela Educação não apresentou nem apresenta, nos dias atuais, aulas radiofônicas. A mobilização principal é feita a partir de um programa educativo denominado **Para Ouvir e Aprender**, que professores e alunos acompanham nas escolas, com base nas orientações passadas por meio de um Guia Pedagógico - cartilha entregue aos educadores. Além disso, outros projetos foram incorporados à grade, como a Rede de Repórteres Educativos - um grupo de crianças e adolescentes das escolas que recebem capacitação e equipamentos para produzir reportagens próprias que vão ao ar no Para Ouvir e Aprender; e as Rádios nas Escolas, que incentivam a implantação de rádios internas nas escolas e proporcionam capacitações a comunicadores adolescentes, (RODRIGUES,2012).



Fotos: atuação dos jovens do projeto do Rádio pela Educação – Acervo da Rádio Rural de Santarém-PA

Material didático preocupa-se com a realidade amazônica

Ainda conforme a dissertação de Rodrigues, nas aulas do MEB os educadores eram urbanos e os materiais didáticos produzidos com base nas realidades das cidades, na experiência da Rádio Rural, ao longo das décadas, começou a ser desenvolvida uma iniciativa de incentivo à valorização da

realidade amazônica. As cartilhas, antes produzidas em outros centros, apresentavam elementos que não faziam parte do cotidiano da região, falando em aviões ou trens, por exemplo. Para aproximar-se da realidade da vida das pessoas envolvidas nas ações, começaram a ser produzidas cartilhas que traziam palavras como canoa, pote, boto, entre outras.

Segundo Rosa Rodrigues, hoje, na construção do programa, verifica-se uma grande preocupação com a realidade local e com a diversidade cultural das comunidades, levando-se em consideração escolas de áreas quilombolas e comunidades indígenas, por exemplo. "Atualmente, na Rádio, há uma tentativa de se aproximar bastante da realidade dos ouvintes, mas considerando a diversidade que é bem própria da Amazônia, mas ainda acredito que muitos passos precisam ser dados, como o olhar da equipe de produção a partir do lugar de recepção, das salas de aula, das comunidades. Sentir como isso acontece é necessário para o desenvolvimento de produções pautadas nas práticas desses lugares", afirma.

As ações do Programa Rádio pela Educação são direcionadas a alunos do ensino básico de escolas municipais de Santarém. Os números do projeto, até metade do ano de 2016 apontam que são cadastradas 38 escolas, envolvendo, aproximadamente, 12 mil alunos nas ações do Programa Para Ouvir e Aprender e da Rádio nas Escolas. Quanto à audiência, além do público direto envolvido, podem ser contabilizados as famílias dos alunos e os ouvintes em geral, considerando que o Programa vai ao ar em horários importantes na comunicação da Rádio.

Mídia é fundamental para as trocas simbólicas na região

Rosa Rodrigues explica que, atualmente, há dois grandes pontos de destaque na Rádio Rural. Um é a ação do Rádio pela Educação que, mesmo

sendo um recurso alternativo, está diretamente ligado ao ambiente da educação formal, ou seja, à escola, onde diversos temas transversais são colocados em discussão, além da ênfase dada à leitura, à produção textual e ao desenvolvimento da expressão comunicativa de alunos e professores e à questão da educação ambiental.

Segundo a pesquisadora, a importância do trabalho está, principalmente, no papel essencial que a comunicação radiofônica exerce na realidade amazônica, além do destaque dado à relação entre comunicação e educação como forma de aprendizagem. "Em nossa realidade, com uma geografia continental e de multiplicidades culturais, identifico o rádio como um meio indispensável para o desenvolvimento dos processos comunicacionais midiáticos na região", afirma. "Neste mesmo ponto está a importância de estudá-lo no meio acadêmico, haja vista que o rádio fez e continua fazendo parte da história da comunicação midiática na Amazônia. Além disso, faz-se referência a esta relação criada entre a comunicação e a educação, que é uma discussão muito presente no meio acadêmico", conclui.

A Rede de Notícias da Amazônia

Em 2004, Pe. Edilberto Sena, então diretor da Rádio Rural de Santarém à época, teve um encontro por acaso, com o consultor de comunicação das Dioceses da Alemanha, Christoph Dietz, da CAMECO, em Aachen. Dietz se comprometeu em apoiar o projeto, mas advertia que o maior desafio seria o grupo de comunicadores das emissoras provar que seriam capazes de realizar o sonho.

Em 2005, como indicação de Christoph Dietz, duas pessoas da Rádio Rural foram a Quito, no Equador (Francimar Farias e Pe. Edilberto Sena), participar de uma assembleia da Associação Latino Americana de Educação

Radiofônica - ALER. Convidados, participaram do encontro e puderam expor o projeto da RNA e foram bem acolhidos. A aceitação e a aprovação do projeto foi tanta que ALER ofereceu grátis um espaço no seu canal de satélite para as transmissões dos programas que a RNA viesse a produzir.

A partir daí outros seminários e oficinas de capacitação foram realizados em Santarém, Belém e Manaus. Dietz visitou as emissoras Rio Mar de Manaus, Alvorada de Parintins, Rural de Santarém e Nazaré de Belém. Em 2006 faziam parte do projeto, além das emissoras mencionadas, a Rádio Monte Roraima de Boa Vista/ RR, a Rádio Educadora de Tefé/AM, a Rádio Educativa de Abaetetuba/PA e a Rádio Educadora de Bragança/PA (Barboza, 2014:p.20).

Em 2007 a ALER decidiu criar um projeto Pan Amazônico de emissoras, nos moldes do projeto RNA. Assim, surgiu o projeto RIAR (Rede Intercultural Amazônica de Rádios), com apoio do governo espanhol. Este projeto, que visava dar estímulo às culturas regionais nos seis países amazônicos ligados à ALER, chegou na hora certa para a RNA. Por conta dele realizaram-se mais duas oficinas, quando concluiu-se o Estatuto e o projeto financeiro apresentado à *Adveniat*, através do padrinho Christoph Dietz. Uma capacitação dos jornalistas que trabalhavam com as emissoras sócias foi realizada para se trabalhar um jornalismo distinto, a partir dos interesses das populações amazônicas.

Entre julho de 2007 e abril de 2008, quatro emissoras sócias (Bragança, Abaetetuba, Belém e Tefé) deixaram de se corresponder com a cabeça de rede, num sinal de desânimo. Em março de 2008, o coordenador da RNA (Pe. Edilberto Sena) foi a Quito participar de um seminário com representantes dos países sócios do projeto RIAR para assumir as responsabilidades de desenvolver o projeto. A coordenação de ALER alertou o coordenador da RNA que este projeto seria prioridade naquele ano para a Associação, com apoio financeiro e tecnológico, porque a RNA deveria ser o modelo para os outros países de RIAR,

mas precisava de uma gestão mais definida, além do coordenador. Foi então, que se escolheu Joelma Viana, então funcionária da Rádio Rural (cabeça de Rede) para gerir o projeto.



Fotos A e B - 01 - parte da equipe de gestores da RNA e Foto o2: trabalho de formação da rede. Em primeiro plano o Pe Edilberto Sena/Acervo da RNA

No período de 25 a 29 de abril de 2008 aconteceu um seminário, em Santarém, com 23 participantes de cinco das emissoras sócias da RNA: Rádios Alvorada de Parintins, Rio Mar de Manaus, Boa Vista – Roraima, Rádio Educadora de Coari e Rádio Rural de Santarém.

Neste seminário surge a Rede de Notícias da Amazônia. Dois representantes da ALER participaram trazendo a garantia de apoio concreto, tecnológico (canal de satélite e tecnologia de informática necessária, treinamento dos produtores de notícias das cinco emissoras comprometidas), assim como a confirmação da aliança entre a ALER e a RNA.

No encontro ficou definido a missão, a visão e os objetivos da RNA, bem como o tipo de noticiário de 15 minutos em rede que deveria ir ao ar a partir do dia 19 de maio de 2008, das 17:45 às 17:59, de segunda a sexta feira. Desde o dia 19 de maio de 2008 o noticiário está no ar.

A Rede de Notícias da Amazônia - RNA - é uma associação de emissoras de rádio sem fins lucrativos dentro da região amazônica, que tem

como meta democratizar a comunicação na região amazônica priorizando o ponto de vista dos lutadores sociais, através da divulgação de suas ações políticas, econômicas, culturais e sociais. O projeto propõe ainda ser instrumento diferenciado de contato entre os povos da Amazônia, com notícias, programas educacionais, culturais, ambientais e de gênero para estimular a formação da consciência crítica e participativa de todos os ouvintes. Ainda propõe produzir conteúdo de qualidade e de interesse dos estados da Amazônia legal (Silva, 2013: p.09).

Atualmente a RNA ampliou o Jornal Amazônia é Notícia de 15min para 30min. O projeto iniciou com cinco emissoras e hoje são 19 em 7 Estados da Amazônia Legal. Além do Jornal já se produz em Rede um programa de Educação Ambiental "Caminhos da Amazônia" que vai ao ar todos os sábados nas emissoras sócias. A cada sábado uma emissora produz o programa com temáticas que despertem a consciência dos/das ouvintes para a preservação do Meio Ambiente, onde a intenção não é apenas denunciar as ações que estão sendo praticadas contra o bioma amazônico, mas sensibilizar os e as ouvintes de que é necessário fazer algo para mudar a realidade. O programa produz dicas de meio ambiente, entrevistas, músicas, radioteatro e outras informações (Silva, 2013:p09). Atualmente a presidência da RNA é ocupada pelo Padre Edilberto Sena, Joelma Viana como tesoureira e gestora, Lourenço Almeida como vice-presidente e José Graci como secretário.

Emissoras que integram a RNA

Nº	Emissoras	Município/UF
1	Rádio Rural AM	Santarém/PA
2	Rádio Educativa Conceição FM	Abaetetuba/ PA
3	Rádio São João FM	Curralinho/PA

4	Rádio São Francisco FM	Muaná/PA
5	Rádio Itaguari FM	Ponta de Pedras/PA
6	Rádio Magnificat FM	São Sebastião da Boa Vista/PA
7	Rádio Nazaré FM	Belém/PA
8	Rádio Comunitária Santana FM	Óbidos/PA
9	Rádio São José FM	Macapá/AP
0	Rádio Rio Mar FM	Manaus/ AM
1	Rádio Alvorada FM	Parintins/AM
2	Rádio Castanho FM	Careiro Castanho/AM
3	Rádio Educação Rural AM	Tefé/AM
4	Rádio Educação Rural AM	Coari/ AM
5	Rádio Caiari AM	Porto Velho/RO
6	Rádio Verdes Florestas FM	Cruzeiro do Sul/AC
7	Rádio Monte Roraima FM	Boa Vista/ RR
8	Rádio Educativa Boa Notícia FM	Balsas/ MA
9	Rádio Educadora AM	São Luís/MA

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados fornecidos pela coordenação da RNA-2018

No conjunto das emissoras da rede há o predomínio de rádios que operam em Frequência Modulada. Entre as 19 rádios, 14 são FM, o que representa 73,6%. Deste grupo dos nove estados da Amazônia Legal - Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Roraima, Rondônia, Tocantins, em sua totalidade e parte do Maranhão (Nordeste) e do Mato Grosso (Centro-Oeste) -, somente o Tocantins e o Mato Grosso ainda não fazem parte da RNA. Há o predomínio em ambos estados do agronegócio, o que reflete nos mesmos registrarem

alarmantes índices de violência na luta pela terra, desmatamento e trabalho escravo. É praxe destes setores além da hegemonia na economia, controlar os principais meios de comunicação e ocuparem cargos políticos em diferentes esferas.

Segundo informações dos coordenadores da RNA, a maioria das rádios possuem vínculo com a Igreja Católica. Assim como a Rural de Santarém, a Educadora de São Luís, no Maranhão possui uma forte tradição em educação popular e ligação com os movimentos sociais, em particular do campo. As dificuldades em suas manutenções também aproximam as realidades das coirmãs.

O estado do Pará além de ser a cabeça da rede, concentra 42,1% das emissoras, oito rádios, sendo metade da região do Marajó, a mais empobrecida região do estado. Já o estado do Amazonas soma na ação em rede com cinco emissoras, o que significa 26,3%. Exceto Careiro Castanho, que integra a região metropolitana de Manaus, as demais fazem parte da região Centro Amazonense, que possui um diálogo próximo com as realidades de Santarém, no oeste paraense. Os rios os aproxima. É comum quando das celebrações do Boi Bumbá em Parintins, comitivas da cidade de Santarém rumarem à festa. E mesmo parte dos grupos, Caprichoso e Garantido realizar apresentações antes ou depois do São João em Santarém.

Cumprir ainda salientar que todos os estados da Amazônia Ocidental (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima) colaboram na composição da RNA. Os estados do Roraima, Rondônia, Amapá e Acre contribuem na tessitura desta rede cada um com uma emissora. Enquanto o estado Maranhão adiciona duas, sendo uma na capital e outra ao sul do estado, no município de Balsas. A cidade é um polo de produção de soja, e historicamente marcado pela forte presença da Igreja Católica alinhada aos movimentos populares. Assim como o oeste do

estado, o sul é marcado pela presença de grandes projetos. Na região oeste, padres Cambonianos têm ajudado na mobilização da Rede Justiça nos Trilhos. O coletivo atua no enfrentamento dos passivos promovidos pela mineradora Vale na região de Carajás.

Em depoimento manifestado por escrito no ano de 2017, o procurador da República Felício Pontes, analisa que RNA traz o ineditismo de ter jornalistas da região amazônica falando do seu lugar de origem, utilizando suas linguagens. Essas características fazem a diferença e mostram o ineditismo da iniciativa. Pela Rede, os habitantes da Amazônia Oriental podem saber do que está acontecendo de mais importante na Amazônia Ocidental, a partir da visão dos amazônidas, e não a partir de empresas multinacionais e do governo de plantão. Nesse sentido, indígenas, quilombolas, comunidades extrativistas, por exemplo, passaram a ter um canal inédito de comunicação que os uni na defesa de seus direitos.

A Rede de Notícias é um desafio na Amazônia, pois além das distâncias, os jornalistas que produzem informações ainda têm de trabalhar com a escassez de recursos humanos e tecnológicos, e baixos salários que acabam os desmotivando, e fazendo com que haja uma crescente rotatividade de funcionários nas emissoras sócias. Essa realidade faz com que a cada dia a Rede esteja reiniciando, visto que a cada novo profissional são necessárias capacitações para um entendimento em que consiste o trabalho da RNA.

Neste sentido, muito ainda há para se fazer, e tornar-se conhecida no território nacional é apenas um passo a mais a ser dado, destaca Edilberto Sena (presidente da RNA). "Sonhamos alto queremos nos tornar referência em assuntos amazônicos tanto no Brasil quanto no mundo. Ousadia, não! Desejo de ampliar as vozes dos lutadores sociais, porque comunicação não se faz de

dentro para fora, mas no meio do povo, dando a eles voz para que falem de suas lutas e conquistas”.

Ponderações derradeiras

Para a maioria das pessoas da capital do estado do Pará, e de estados que ocupam lugar de destaque na economia nacional, a (s) Amazônia (s) profunda ainda soa como uma grande incógnita. Um paraíso perdido, um *lócus* exuberante marcado pela presença de populações exóticas. Recorte aprofundado pelos programas de TV e similares.

Em oposição a tal perspectiva é de grande relevância a manutenção da ação em rede das emissoras de rádio da região. A iniciativa tem buscado contrariar a produção da informação sobre a região com o protagonismo dos moradores e jornalistas da própria região, a partir de princípios freireanos, que valoriza o diálogo e a horizontalidade na relação da comunicação.

Pelo que se pode notar, a Rádio Rural de Santarém exerce o protagonismo pelo fato de ser a cabeça da rede, e por ter provocado no conjunto das emissoras, maioria ligadas à Igreja Católica, em compor a Rede de Notícias da Amazônia. Além da capacidade em agilizar o diálogo no interior da Amazônia brasileira, articulou o diálogo pela relevância de uma rede de comunicação popular local, bem como em associação na escala Pan-amazônica, e sua relação com países centrais, a exemplo do apoio da associação alemã, que endossou apoio financeiro, profissional e técnico à rede.

Mas, como se pode notar no percurso da narrativa sobre a RNA, fatores locais, como condições precárias das emissoras que integram a rede, os baixos salários dos profissionais comprometem em certa medida a dinâmica dos trabalhos. No entanto, a continuidade da RNA, que soma sua primeira década, já é um fato histórico e de grande significado no campo da

comunicação popular na Amazônia, a partir das novas realidades do campo da comunicação.

Referências

ALMEIDA, A W. B. Movimentos sociais e crises dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In. D'INCAO, M. A. & SILVEIRA, I. M. **Amazônia e a crise da modernização: universalização e localismo**. Museu Emílio Goeldi. Belém, 1994. p.521-537.

_____. O Intransitivo da transição: o Estado, os conflitos agrários e a violência na Amazônia (1965-1989). LÉNA, Philippe e OLIVERIA, Adélia E (orgs.). **Amazônia a Fronteira Agrícola: 20 anos depois**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1991. p. 259-290.

ALMEIDA, R. Pororoca pequena: marolinhas sobre a (s) Amazônia (s) de cá. Belém, PA, 2012.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BARBOZA, Maria da Glória da Silva. Jornalismo Ambiental: um estudo de caso do programa "Caminhos da Amazônia". Monografia de graduação. Comunicação Social. Universidade Federal do Acre/UFAC. Rio Branco, 2014.

BECKER, B. K. **Amazônia**. Editora Ática, São Paulo, 1991.

_____. **Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?** Parcerias Estratégicas, Brasília, nº12, 2001.

_____. **Geopolítica da Amazônia**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n.53, p. 71-86, 2005.

Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração do Baixo Amazonas (Pará, 2015a), Disponível em <http://www.fapespa.pa.gov.br/>.

Acessado em abril de 2017.

DUTRA, M. A Natureza da TV – Leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia. Tese de Doutorado-NAEA\UFPA. Belém-PA, 2005.

_____. **A nossa história nas ondas da Rádio Rural**. Disponível em <http://www.gazetadesantarem.com.br/regional/a-nossa-historia-nas-ondas-da-radio-rural/>. Acessado em abril de 2017.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2005.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTELART, A. **COMUNICAÇÃO MUNDO: história das ideias e das estratégias**, Petrópolis, Vozes, 1994.

MORAES, D. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cyberdémocratie**. Paris: Odile Jacob, 2001.

MARCONDES FILHO, C. **Superciber: a civilização místico-tecnológica do século XXI**. São Paulo. NTC-ECA-USP, 1997.

RICCI, M. (2007) **Cabanagem, Cidadania e Identidade revolucionária: O problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Dissertação UFPA.

RODRIGUES, Rosa Luciana P. **Rádio e Educação Popular na Amazônia: o processo comunicacional do Projeto Rádio pela Educação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2012.

RODRIGUES, Manoel Edinaldo e SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **História do rádio em Santarém – Pará.** 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia. Belém, 12 e 13 de novembro de 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização.** São Paulo: Record, 2000.

SILVA, Antonia Costa da. **Jornalismo Ambiental na Rede de Notícias da Amazônia: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte.** Trabalho apresentado no Seminário de Tese da Linha de Pesquisa: Linguagem e Práticas Jornalísticas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos - São Leopoldo, RS, outubro de 2013.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.